

(1966-)



Nascido em Lisboa em 1966, José Gardeazabal (pseudónimo literário de José Tavares) passou grande parte da sua vida a percorrer o mundo, mais especificamente Luanda, Aveiro, Boston e Los Angeles, onde viveu, estudou e trabalhou. O seu primeiro e por ora único livro de poesia, *História do Século Vinte* (2015), venceu o Prémio Imprensa Nacional Casa da Moeda/Vasco Graça Moura, impulsionando José Gardeazabal para o primeiro plano do panorama literário português. José Tolentino Mendonça, presidente do júri, enfatiza que a poética de Gardeazabal “arrisca alimentar e transcender o esquema das oposições, num exercício invulgar, notável e vertiginoso, que conduz a literatura para um lugar novo” (2015: s/p).

Apesar do seu nomadismo, que também lhe confere uma posição de observador exterior face à Europa, José Gardeazabal atribui uma relevância particular na sua obra ao quadro europeu, desde o passado de guerras e revoluções até ao presente marcado por crises migratórias e tensões político-sociais. Confrontando-se com temas tão controversos, José Gardeazabal procura fornecer uma perspetiva objetiva e quase científica. O próprio título do seu volume de poesia sugere um conteúdo puramente técnico, um relato de factos delimitados por este século, aproximando-se os poemas por vezes de uma narrativa prosaica, num estilo “quase neutro, enumerativo, sem pathos, sem retórica” (Silva 2016: 71). Esta sugestão de realismo é, contudo, quebrada pela ausência de um fio condutor linear, conferindo à obra uma maior abstração. Como afirma o próprio autor, trata-se de uma “literatura de fragmentos” (2016: s/p) que procura retratar um século através de acontecimentos normalmente relegados para

pano de fundo, por meio dos quais conseguimos entrever uma Europa destruída por inúmeras tragédias.

Na poesia de Gardezabal é impossível dissociar a literatura do seu enquadramento histórico. Em *História do Século Vinte* o “narrador implicado” tanto é “autor” como “ator da História” (Cortez 2016: s/p). Gardezabal apresenta o seu ponto de vista através de uma Europa vincada por contradições, em que “um escravo livre é assassinado, / e é um voto a menos para a democracia / um candidato arrasta o derrotado numa carroça” e no final “ganha a democracia” (2015: 21). Estas críticas, sombreadas por um clima de cultura bélica moralmente questionável que remete para um historial de imperialismo e colonialismo europeu (“assim chegam ao fim os leões extravagantes / que comem indianos, / centenas de africanos e um europeu, / um supervisor educado e gordo.” (*ibidem*)), acentuam a posição do autor face a uma Europa em declínio desde o século XX.

A guerra é um elemento de inevitável destaque na poesia de José Gardezabal: as duas Grandes Guerras surgem como ponto de viragem ao anunciar “o fim da costa dourada, das regras europeias” (2015: 153). Com ironia e sarcasmo, Gardezabal apresenta uma Europa apática face à carnificina da guerra, mencionando “câmaras com horrores” como uma “imagem radical inventada na europa”, e apelando: “deixemos de ser vítimas / e criemos empresas, associações de entreajuda / regressemos a África com a ajuda de formas aéreas e submarinas / para matar.” (*ibidem*). Esta banalização da tragédia culmina com inúmeras analogias entre a guerra e um espetáculo teatral, incluindo versos sardónicos como: “preparemo-nos para os holocaustos como para a chuva”, que demonstram uma insciência predominante face ao “horror” e à “selvagemia em todos os cantos europeus” (2015: 13).

Tal como os poemas de *História do Século Vinte* aparecem em fragmentos, a Europa propriamente dita surge fragmentada no livro. Gardezabal não se foca em eventos específicos e documentados, mas nas situações apresentadas “com sombras, como no cinema” (2015: 47), quase como se nos permitisse espreitar, através de uma pequena ranhura, imagens de um quotidiano europeu numa dimensão pessoal que alastra para uma

escala político-social, que por sua vez se manifesta historicamente.

Não obstante um louvor à evolução tecnológica e ao progresso científico ao longo da obra, Gardezabal expõe uma Europa sistematicamente obcecada por uma ideologia que tem na sua base “o comércio e a cristandade” (2015: 21): “precisamos de socialistas suaves e de mais conforto, / mais cristãos, / fronteiras pré-industriais sem cicatrizes e com matérias-primas. / inimigos, vamos construir uma nova europa? / há carvão e aço, lembram-se? / e uma agricultura sensível.” (2015: 153).

Gardezabal explora a relação entre o capitalismo e o consumismo vigentes numa Europa onde “uma barra de sabão vale mais que o sabão / um carro não é só um carro” (ibidem) e os valores cristãos que regem o velho continente desde há cerca de dois milénios (“as cinco nações novas, a sul, / pobres mas cristãs” (2015: 15); “o fantasma da gravidez assusta os machos da medicina / porque não falamos já de monstros e de inferno?” (2015: 22)), apontando-os como causas do deterioramento europeu durante o século. Neste cenário aparatoso de “dinamismo do ocidente, (...) / que deseja um espetáculo fulminante, um negócio com a salvação” (2015: 10), os “bancos e profetas lembram que a nova guerra é impossível” ao mesmo tempo que os soldados são “convidados para um teatro” (ibidem) que certamente terminará com a sua tragédia. Assim, a hipocrisia velada nos conceitos de “sucesso” e “religião” contribui para o crescente distanciamento de um sentimento coletivo, substituído por uma obsessão pelo “*ich*” dos psicanalistas e o “*ego*” dos seus tradutores. A amoralidade e a superficialidade verificadas neste contexto são explícitas através do uso irónico da expressão “«declínio dos valores da família»” (2015: 47), que se revestem de um significado oculto, epidérmico.

O aparecimento de Gardezabal no plano literário europeu contribui para uma desconstrução da Europa moderna, mesmo quando o espaço temporal da sua obra remete para acontecimentos do passado. Afinal, como afirma o próprio, “o pior do século passado está presente, em pessoa ou na sombra” (2016: s/p).

O trauma, a desolação, a violência e a falta de um código moral assombram a Europa de

Gardeazabal, e a sua poesia reflete a impassibilidade de um continente que foi vítima de um século conturbado e das suas próprias armadilhas encadeadas num passado imperialista. Porém, apesar das “bombas” e das “barbáries”, ainda somos capazes de vislumbrar no meio deste caos um resquício de humanidade e esperança nas “pessoas a sorrir no canto das fotografias” (*ibidem*).

### **Lista de poemas sobre a Europa**

- “5. não há bem, mal ou claridade”, *História do Século Vinte* (2015)
- “7. os jovens vivos, amigos das emergências”, *História do Século Vinte* (2015)
- “11. a moda dos automóveis não é prática”, *História do Século Vinte* (2015)
- “13. morre o presidente e morre victoria”, *História do Século Vinte* (2015)
- “36. procuramos a imagem radical inventada na europa”, *História do Século Vinte* (2015)
- “44. da primeira guerra à segunda”, *História do Século Vinte* (2015)
- “46. as nações vencedoras e as destruídas”, *História do Século Vinte* (2015)
- “59. o hospício é esta europa entretida com mágicas de montanha”, *História do Século Vinte* (2015)
- “101. viajamos pela europa à procura de gente em perigo”, *História do Século Vinte* (2015)
- “118. recapitulemos antes de esquecer”, *História do Século Vinte* (2015)
- “138. o fim da costa dourada, das regras europeias”, *História do Século Vinte* (2015)
- “146. aceite-se que o amor derrotará os estados militares”, *História do Século Vinte* (2015)

“215. as enfermidades antigas conservam a juventude”, *História do Século Vinte* (2015)

## Antologia breve

### 13.

morre o presidente e morre victoria,  
um novo presidente torna-se célebre entre os ursos,  
indestrutível, ginasta, e mais jovem que as grandes árvores americanas.  
quando esta mulher morreu a inglaterra tinha a mesma rainha  
há sessenta anos  
e as prostitutas  
(de londres)  
choraram  
tornando-se britânicas nesse instante  
de dor, por isso, universal.  
assim chegam ao fim os leões extravagantes  
que comem indianos,  
centenas de africanos e um europeu,  
um supervisor educado e gordo.  
todos os querem, o comércio e a cristandade  
a mulher do engenheiro terminará a sua obra por instinto,  
dizem que também por amor.  
no trânsito, como um sonho,  
as mulheres de negro desvirtuam o álcool com machados  
nunca entenderás essa alegria até esmagares, esmagares assim.  
um escravo livre é assassinado,  
e é um voto a menos para a democracia  
um candidato arrasta o derrotado numa carroça  
e apostamos?

FILIPA LEAL

ganha a democracia

### **36.**

procuramos a imagem radical inventada na europa  
câmaras com horrores,  
homens extraordinários de famílias científicas, antigas.  
deixemos de ser vítimas  
e criemos empresas, associações de entreajuda  
regressemos a África com a ajuda de formas aéreas e submarinas  
para matar.  
novas instruções rigorosas para magoar apenas os militares  
façamos as contas às narrativas bíblicas  
seriam uma ou três pessoas?  
«ainda imagino quem poderá ser a terceira».  
porque nos ares, nos ares são os individualistas que permanecem  
um nobre britânico faz o mesmo que os outros.  
toma a mulher nos braços e transporta-a para o interior da selva  
divertido a disseminar a contraceção,  
mas tudo com sombras, como no cinema.  
ich é a palavra preferida dos psicanalistas,  
ego uma invenção pobre de tradutores  
em todas as cidades lê-se em subtítulo:  
«declínio dos valores da família»

### **101.**

viajamos pela europa à procura de gente em perigo  
a américa entretém-se,  
provinciana e espiritual.  
a luta nos desertos parece-se com a luta no mar,  
«vi Londres pela primeira vez de cima de um bombardeiro

FILIPA LEAL

e tive pena,  
nunca mais a visitei»  
assim que vimos moscovo produziu-se um fenómeno  
os combatentes experientes e os jovens sofriam,  
(os cavalos sofriam)  
o frio sofria,  
curiosos, começámos a falar em voz alta de uma vitória (mundial),  
nesta segunda guerra.  
os desastres gregos não atormentaram os alemães,  
a maior heresia: ignorar a literatura dos inimigos.  
o homem não é verdadeiramente livre  
e esta é uma diferença importante na língua dos deuses  
tratemos animais e crianças com a bondade que queremos para nós.  
o mar afoga-nos  
e o deserto, afinal, não  
nos abriga da aviação

### **138.**

o fim da costa dourada, das regras europeias  
precisamos de cacau e ouro, precisamos de infraestruturas  
de três universidades importadas em caixas da américa  
fronteiras pré-industriais sem cicatrizes e com matérias-primas.  
inimigos, vamos construir uma nova europa?  
há carvão e aço, lembram-se?  
e uma agricultura sensível.  
uma barra de sabão vale mais que o sabão,  
um carro não é só um carro  
as falhas de higiene, as experiências sexuais,  
os mitos, os males, os verbos humanos  
todas as formas e alfabetos sociais,

FILIPA LEAL

todos procuram uma saída.  
a ação passa-se numa varanda entre figuras de autoridade:  
um juiz,  
o gene de um general,  
um cliente que ninguém quer  
em baixo e a sul decorre uma revolução  
ideias verdes furiosas, entre criados  
e descendentes de escravos.

### **Bibliografia ativa selecionada**

GARDEAZABAL, José (2015), *História do Século Vinte*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

### **Bibliografia crítica selecionada**

CORTEZ, António Carlos (2016), “História do Século Vinte: Recortar figuras humanas”, in *Jornal de Letras*,  
<http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2016-06-27-Historia-do-Seculo-Vinte-Recortar-figuras-humanas> (acedido em 18 de outubro 2018).

GARDEAZABAL, José (2016), “José Gardeazabal em entrevista — «A poesia deste século vinte é como a história, trabalha sobre as sombras»”, entrevista concedida a Tânia Pinto Ribeiro in *Prelo*, <http://prelo.incm.pt/2016/05/jose-gardeazabal-em-entrevista-poesia.html> (acedido em 18 de outubro 2018).

MENDONÇA, José Tolentino (2015), “José Gardeazabal vence primeira edição do Prémio Vasco Graça Moura”, reportagem da agência Lusa in *RTP Notícias*,

[http://www.rtp.pt/noticias/cultura/jose-gardeazabal-vence-primeira-edicao-do-premio-vasco-g-raca-moura\\_n869964](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/jose-gardeazabal-vence-primeira-edicao-do-premio-vasco-g-raca-moura_n869964) (acedido em 18 de outubro 2018).

SILVA, José Mário (2016), “E, Culturas, «Livros»”, in *Expresso* de 10-09-2016, p. 71.

**Ana Catarina Anjos**

**Como citar este verbete:**

ANJOS, Ana Catarina (2018), “José Gardeazabal”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6.

<https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbetes/jose-gardeazabal>